

O roubo do pijama e a quarentena mortífera (II)

À medida que a quarentena obrigatória vai crescendo e meu apartamento de 32 m² na Barata Ribeiro vai diminuindo, as mentes vão se abrindo, a família se reinventa e a discórdia vai sendo rapidamente superada.

Antes do coronavírus, qualquer discussão por qualquer motivo – o controle remoto fora do lugar, um pedacinho de manteiga no pires, a mancha de café na toalha ou o pentelinho minúsculo no sabonete – era motivo para uma quarentena voluntária de conversas domésticas, sem prazo de afrouxamento, e nunca menor que um mês.

As desavenças provocadas pelo choque de gerações entre minha filha Calissa (16 anos) e minha sogra Dona Zilá (82 anos) eram frenéticas e bombásticas. A sorte é que a surdez da avó era uma barreira antimíssil dos impropérios da neta. Mas como a surdez não era total, a voz serena da antiga violinista era certa nos ouvidos de uma adolescente petulante, arrogante e dona da verdade, aliás, como todas.

“Vó, você é burra!” O grito que superava os decibéis da Barata Ribeiro chegava aos ouvidos de Dona Zilá, talvez pela leitura labial, nunca se sabe. E a avó entrava em quarentena da neta. Quase como ter uma esfinge na sala, esperando a hora do genro (eu) levá-la à farmácia.

As demais desavenças cruzadas: eu com Marli (minha mulher); eu com Dona Zilá; Marli com a filha; Marli com a mãe; e a mais explosiva de todas eu com Calissa eram o ensaio não sabido para o corona vírus. Teatro do Oprimido p’ra ninguém botar defeito. Tanto é que hoje todos cooperamos como num time de basquete: sumiu o controle remoto? Todos procuram. Manteiga no pires? Sou o primeiro a lavá-lo. Café pingou na toalha, até a Calissa usa uma nova tecnologia pra tirar manchas de café. E o pentelho no sabonete, nem Dona Zilá reclama. Afinal estamos todos confinados no mesmo iate “de luxo”.

O luxo da solidariedade, o luxo da divisão de tarefas. O direito humano levado à sua expressão máxima. Mas, sempre tem um porém.

Ontem à noite sumiu meu pijama. A princípio fiquei quieto, procurando, procurando. Não estava em nenhum canto do armário, nada embaixo do lençol nem do travesseiro, embaixo da cama neta, no cesto de roupa suja nem sinal. No mini-varal nada. Dentro da máquina de lavar roupa um vazio arrepiante. Meu sangue foi subindo aos poucos. Achei até que estava com febre e tive um pouco de tosse. Fiquei calado um tempo inesgotável. Na cena final, as três mulheres, algozes do sumiço, me olharam e perguntaram em uníssono: “você está chateado?”

Aí foi demais, fui à janela. A Barata Ribeiro em silêncio, enchi meus debilitados pulmões e gritei como se fosse THOR: “Fora Bolsonaro, quem foi que roubou a porra do meu pijama?”

Do outro lado da rua um gaiato bateu palmas.

Eu estava vermelho igual um comunista com escarlatina e quando virei para a sala, Dona Zilá perguntou: “É este? Botei nas minhas costas pra segurar a coluna”

Hoje quem levou a sogra na farmácia foi a neta. ●●●

Domitilo de Andrade - abril 2020